



RECENSÃO

Frágil como o Mundo:
Etnografia do Quotidiano Operário,
de Bruno Monteiro
por Ana Delicado

Análise Social, 214, I (1.º), 2015

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt



MONTEIRO, Bruno

Frágil Como o Mundo: Etnografia do Quotidiano Operário,
Porto, Afrontamento, 2014, 250 pp.

ISBN 9789723613681

Ana Delicado

Frágil como o Mundo é um livro incommon no panorama sociológico português. Como o próprio título indica, sustenta-se essencialmente num trabalho de campo de cariz etnográfico desenvolvido ao longo de vários anos junto de uma comunidade operária no Norte do país. Bruno Monteiro realizou uma experiência de observação participante numa fábrica de mobiliário, onde trabalhou como operador de máquina e auxiliar de produção durante 14 semanas em 2007, e residiu numa habitação partilhada alugada na localidade de Rebordosa durante 16 semanas, em 2008.

A análise é pois consubstanciada não só nas três dezenas de entrevistas em profundidade a operários (em alguns casos cônjuges), mas também em notas do diário de campo, com a descrição detalhada de ações e conversas associadas, e na própria experiência física do autor enquanto operário.

Solidamente alicerçado na teoria clássica da sociologia/antropologia (através de um uso extensivo de autores como Elias, Mauss, Goffman, Bourdieu, Wittgenstein, Burawoy, Douglas, Geertz), ao longo dos 10 capítulos do livro são tratados temas como a aprendizagem do ofício pela aquisição de uma competência corporal (um senso prático), as relações de poder

e dominação entre gestores e trabalhadores na fábrica, as estratégias de colaboração e resistência, a socialização dos operários e a noção de vocação, a sociabilidade entre eles, as perspetivas de futuro (“conjugado sempre no condicional”).

O objetivo central da obra é introduzido pelo autor nas páginas iniciais: “ao tentar explicitar as evidências da existência operária procuramos interrogar as modalidades de envolvimento prático com o mundo social a partir de condições historicamente vividas enfrentadas por operários socialmente incarnados e situados” (p. 11).

É no (e sobre o) cenário da fábrica que ocorre grande parte da observação, mas o autor também segue os seus operários no café, no ginásio, no clube de futebol, nas saídas noturnas e no centro de emprego, “local de concentração de equívocos simbólicos” (p. 219), ao qual é dedicado um capítulo inteiro que narra e analisa a interação entre os desempregados e os funcionários da administração estatal, separados por um “hiato cultural” dificilmente transponível.

O pano de fundo que atravessa o livro é composto, por um lado, pela crise do setor mobiliário português face à concorrência desigual com grandes multinacionais, que agudizou os problemas de

precarização, desemprego e baixos salários deste grupo profissional, e, por outro (e em resposta ao primeiro), pela transformação organizacional da fábrica observada, assente na inovação tecnológica, na mecanização e informatização dos processos, e na adoção de um modelo de gestão mais profissionalizado, pondo em causa a arte tradicional e as relações sociais típicas de um negócio familiar. É pois um contexto de elevada pressão, em que os operários são sujeitos a crescentes exigências de produtividade e disciplina, racionalização e hierarquização, em que o tempo se contrai e os ritmos de trabalho aceleram, em que o desgaste físico e psicológico se manifesta e as relações entre colegas se degradam, minadas pela desconfiança, pela “inveja”, pelo azar, pelas privações económicas. Numa feroz denúncia do capitalismo, a crise é assim analisada como “experiência visceralmente vivida em situação e coletivamente partilhada” (p. 197).

É devido a esta conjuntura, também, que se extremam as tensões entre operários mais novos e mais velhos. Os mais jovens têm, por um lado, uma maior formação escolar, capacidade de adaptação e familiaridade com o discurso dos gestores, mas por outro são mais sensíveis ao estigma da condição operária, vista como um falhanço na obtenção de um emprego “limpo” nos serviços, a qual procuram ocultar através do consumo conspicuo e no esmero com a aparência pessoal. Os operários mais antigos veem a sua experiência e destreza manual desvalorizadas no confronto entre “máquinas novas e pessoas velhas” (nas palavras de um

operário jovem citado na p. 232), sendo remetidos à obsolescência e a um maior risco de desemprego e pobreza.

Em todos os capítulos é prestada uma particular atenção ao corpo, designadamente à experiência sensorial do trabalho e às mazelas físicas e psicológicas por ele causadas (o corpo como um capital de risco), ao efeito disciplinador dos regulamentos de segurança, aos cuidados na apresentação de si fora da fábrica por parte dos operários mais jovens.

O livro destaca-se pelo esforço sistemático em “dar voz” aos operários, quer através de (longas) citações das entrevistas, que chegam a ocupar várias páginas consecutivas, quer no uso recorrente no texto dos termos usados pelos próprios, por exemplo “dar obra ao ser”, “ser marceneiro limpo”, “ganhar calo”, “é um armante”, “andava com as vespas”. Há uma opção deliberada por manter nas transcrições o registo da oralidade, com as repetições, os coloquialismos e regionalismos, as hesitações, as transgressões gramaticais e de ortografia.

Algumas limitações podem no entanto ser apontadas a este trabalho. O diálogo com a literatura sociológica e antropológica portuguesa sobre operários é escasso e parece limitado a autores a norte do Mondego. Estão ausentes, por exemplo, as referências aos operários anarquistas de João Freire (1992), as famílias operárias estudadas por Ana Nunes de Almeida (1993), os tipógrafos de Susana Durão (2003), os trabalhadores da refinaria de Sines de Paulo Granjo (2004), bem como a trabalhos mais recentes sobre

outros profissionais menos qualificados, como os jovens em inserções precárias (Alves *et al.*, 2011) ou as operadoras de caixa de supermercado (Cruz, 2003), entre outros. Por outro lado, o capítulo dedicado à resistência dos trabalhadores face à imposição de regras de higiene e segurança no trabalho poderia ter beneficiado de alguma sustentação na literatura sobre risco profissional.

Como este livro recolhe alguns textos já publicados e outros inéditos, provenientes do trabalho de investigação desenvolvido no âmbito da licenciatura e mestrado do autor, o fio condutor da narrativa é bastante difuso e há várias repetições em diferentes capítulos, como a descrição da metodologia ou a recorrência de temáticas como a do “corpo bestializado” (pp. 34, 47, 80) ou os dados de enquadramento sobre o setor mobiliário (pp. 105, 149).

O autor desenvolve um olhar deliberadamente seletivo sobre o objeto, focado nos operários (homens) e remetendo quase à condição de figurantes os outros assalariados da fábrica (incluindo a enigmática figura da “engenheira”), gestores, patrões e as famílias dos operários (mulheres, filhos), referidos de passagem mas praticamente sem direito a discurso na primeira pessoa.

Os resultados de investigação apresentados nesta obra inserem-se num trabalho mais vasto de “etnografia da contemporaneidade operária” (p. 131), que inclui outras experiências como o acompanhamento de uma equipa de futebol amador ou de um grupo de trabalhadores da construção civil na emigração para Espa-

nha. Estes objetos de observação são referidos no livro de forma exploratória, mas não desenvolvidos, pelo que se aguarda com elevada expectativa e interesse futuras publicações sobre estas matérias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. N. de (1993), *A Fábrica e a Família – Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro.
- ALVES, N. A., *et al.* (2011), *Jovens em Transições Precárias. Trabalho, Quotidiano e Futuro*, Lisboa, Editora Mundos Sociais/CIES-IUL.
- CRUZ, S. A. (2003), *Entre a Casa e a Caixa. Retrato de Trabalhadoras da Grande Distribuição*, Porto, Afrontamento.
- DURÃO, S. (2003), *Oficinas e Tipógrafos. Cultura e Quotidianos de Trabalho*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- FREIRE, J. (1992), *Anarquistas e Operários. Ideologia, Ofício e Práticas Sociais: o Anarquismo e o Operariado em Portugal, 1900-1940*, Porto, Afrontamento.
- GRANJO, P. (2004), *Trabalhamos Sobre um Barril de Pólvora: Homens e Perigo na Refinaria de Sines*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

DELICADO, A. (2015), Recensão “*Frágil como o Mundo: Etnografia do Quotidiano Operário*”, Porto, Afrontamento, 2014”. *Análise Social*, 214, L (1.º), pp. 202-204.

Ana Delicado » ana.delicado@ics.ulisboa.pt » Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa » Av. Professor Aníbal de Bettencout, 9 – 1600-189, Lisboa, Portugal.
